DOMUS

PEÇA EM TRÊS ACTOS DE

ALFREDO CORTEZ

LISBOA
1931

DOMUS

PEÇA EM TRÊS ACTOS DE

ALFREDO CORTEZ

LISBOA
1 9 3 1

Foi esta peça representada, pela primeira vez, no Teatro Nacional Almeida Garrett, de Lisboa, em 5 de Março de 1931, com a seguinte

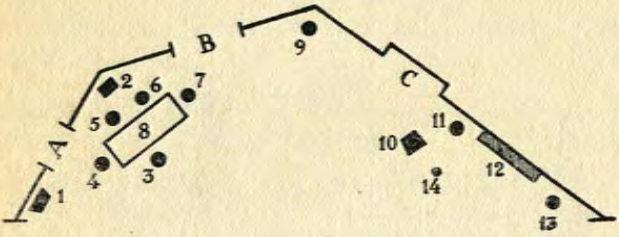
COLABORAÇÃO DE SCENA:

DONA JOANA.....	*Dona Emilia de Oliveira*
LUIZ MONTEIRO.....	*Assis Pacheco*
AUGUSTA.....	*Dona Tereza Taveira*
TOMAZ.....	*Antonio Pinheiro*
MARIA ANTONIA.....	*Dona Amelia Rey Colaço*
ANA DE LIMA.....	*Dona Maria Clementina*
MARIANA DE LIMA.....	*Dona Maria Brandão*
RUY.....	*Robles Monteiro*

Os papeis de Maria Julia e Maria Eduarda foram feitos, respectivamente, pelas meninas Ester Garcia e Dalila Trigueiros.

LOCAL E EPOCA DA ACÇÃO
LISBOA — ACTUALIDADE

PLANTAÇÃO DA SCENA PARA OS TRÊS ACTOS



A) Porta para o interior da habitação; B) Porta que conduz á rua; C) Janela, exteriormente gradeada de ferro.

MOVEIS (PORTUGUESES E ANTIGOS)

1) Bufete pequeno; 2) Grande jarrão da India; 3 a 7) Cadeiras pequenas, de braços; 8) Mesa de jantar; 9) Relogio de pendulo, que já não funciona; 10) Cadeira de braços, comoda; 11 e 13) Cadeiras iguais ás que cercam a mesa; 12) Fogão de lenha; 14) Tamborete pequeno para pousar os pés.

ACTO PRIMEIRO

Sala de jantar duma velha casa fidalga, situada num dos bairros mais antigos da cidade. Ao subir o pano estão em scena:

Dona Joana, *de 80 anos, sentada ao tôpo da mesa* (cad. 7 do gráfico). *Á sua direita* (cad. 6) *o*

Dr. Luiz Monteiro, *figura elegante, mas sóbria, homem de trabalho e homem de familia, para quem as preocupações do lar a que preside e os deveres da profissão, que exerce, são coisas sérias que preenchem uma vida. A cadeira seguinte está vasia. Nas restantes* (3 e 4)

Maria Julia *e* **Maria Eduarda,** *filhas do Dr. Luiz Monteiro. Maria Julia tem 12 anos. Maria Eduarda, 10. Atraz delas, a pé*

Augusta, *senhora humilde, encarregada de tratar das meninas. Um velho criado*

Tomaz, *que acabou de servir o almoço, prepara café junto do bufete da esquerda* (movel 1).

Ha em todas as fisionomias uma expressão carregada. Só as crianças tomam o leite com despreocupação e apetite.

DONA JOANA

(Tira dum prato a ultima bolacha, molha-a no chá, e a meio tom) Tomaz!... *(um tempo)* Tomaz!... *(como Tomaz, que é surdo, não a ouça, Augusta toca-lhe e indica a senhora que chama. Tomaz vem pressuroso. Dona Joana, sempre a meio tom)* Mais bolachas.

LUIZ MONTEIRO

(Passando-lhe um prato de bolachas que está no outro extremo da mesa) Estão aqui. *(Faz um gesto ao criado. Este volta a tratar do café)*

DONA JOANA

(Depois de comer outra bolacha e de tomar o resto do chá, sempre no mesmo tom) Tomaz!... Tomaz!... *(a scena repete-se. D. Joana quando Tomaz chega ao pé dela)* A minha muleta.

LUIZ MONTEIRO

(Repetindo alto, para o criado ouvir e acompanhando as palavras com um gesto indicativo) A muleta. *(Tomaz vai buscar a muleta e uma bengala que estão á direita, no angulo superior do fogão, entre os móveis 11 e 12. Ajudam, ele e o Dr. Luiz Monteiro, D.*

Joana a erguer-se. Esta faz o sinal da Cruz. Todos se colocam em atitude de respeito. As crianças, que se levantaram quando D. Joana, rezam, e o mesmo faz Luiz Monteiro, embora mais discretamente. Concluem, benzem-se,— ninguem antes de D. Joana. Esta vae, seguida de perto pelo criado, sentar-se junto do fogão —cad. 10—As crianças ocupam de novo os seus lugares. Tomaz coloca a muleta e a bengala no canto do fogão e volta a tratar do café. Luiz Monteiro, que tambem tornou a sentar-se, pega num jornal e desdobrando-o) Faça favor, Augusto! Diga á senhora que concluimos o almoço e que gostava de a vêr e de lhe falar antes de sair.

AUGUSTA

Sim, senhor doutor. (*movimento de execução*).

LUIZ MONTEIRO

Olhe, olhe!... *(Augusta suspende. Ele, interessando-se de subito por uma noticia, lê-a, e depois, sisudamente)* Leve as meninas. *(Estas levantam-se e veem beijar a mão e a testa a D. Joana e ao pae. Luiz Monteiro a Maria Julia, quando ela o beija)* Que fazem hoje as minhas filhas?

MARIA JULIA

Vamos passear.

LUIZ MONTEIRO

Com quem?!... *(Olham ambas embaraçadas para Augusta).*

AUGUSTA

(Tambem pouco á vontade) A senhora quere que as meninas passem a tarde no Campo Grande. Vão comigo.

LUIZ MONTEIRO

(Visivelmente contrariado) Diga á senhora que preciso de lhe falar. *(Maria Julia e Maria Eduarda, que tinham ficado suspensas, com receio de que o pai lhes proibisse o passeio, correm agora alegres para a esquerda, por onde saem com Augusta. Tomaz encheu uma chavena de café, tra-la ao Dr. Monteiro e sai tambem pela esquerda. Monteiro volta a lêr o jornal. Longa pausa)*

DONA JOANA

(Quebrando o silencio) A minha afilhada não chegou a aparecer-lhe, Luiz?

ACTO I

LUIZ MONTEIRO

Esteve lá ontem, no escritorio.

DONA JOANA

Ah ! sim ?!...

LUIZ MONTEIRO

(*Erguendo-se*) Esteve. Mas não nos entendemos. (*Toma dum gole o resto do café e vindo ao pé dela*) É sem duvida uma bôa rapariga, humilde, sofredora, paciente... Conversámos largo tempo. Tudo o que a avósinha me tinha dito, confirma-o ela, narrando os factos com uma grande simplicidade, que impressiona. Coitada ! Não tenho a menor duvida de que lutou quanto pôde para manter o seu lar; reconheço que era uma obra de caridade separa-la do marido, mas não lhe aceitei a procuração.

DONA JOANA

Porquê ?

LUIZ MONTEIRO

Porque quere divorciar-se.

DONA JOANA

(*Incredula*) Divorciar-se!... Quere pôr termo de qualquer forma áquele martirio. A maneira de o fazer é mais com o Luiz do que com ela...

LUIZ MONTEIRO

Não, avósinha! Quere determinadamente divorciar-se. (*Vae buscar uma cadeira que traz para ao pé de Dona Joana*)

AUGUSTA

(*Surgindo da esquerda quando ele vai a sentar-se*) Senhor doutor! A senhora vem imediatamente. Chegou ha pouco a modista. Está a acabar uma prova.

LUIZ MONTEIRO

(*Ainda a pé*) Está bem. Vista as meninas, mas não saia sem eu falar com a senhora.

AUGUSTA

Sim, senhor doutor! (*Desaparece pela esquerda*)

LUIZ MONTEIRO

(*Senta-se e retomando o assunto com naturalidade*) A separação judicial, de que lhe falei, não lhe agradou.

ACTO I

DONA JOANA

E' estranho!... (*Ligeira reflexão*) Crê que esse proposito envolva malicia? Pensará em casar segunda vez?

LUIZ MONTEIRO

Não sei, avósinha! Conversámos, como lhe disse, largo tempo, e verifiquei que essa mulher tem a noção clara de que a lei do divorcio nada vale contra o matrimonio; que os seus efeitos são meramente civis. A avaliar pelas suas palavras devo concluir que nem ao de leve pensa em casar segunda vez. Mas quando lhe disse que, nesse caso, a simples separação judicial lhe bastaria, argumentou que não, que separação ou divorcio são simples fórmula, fórmula em qualquer dos casos exclusivamente regulada pelos codigos; e que, desde que tem uma razão forte para deixar o marido e é incapaz de se ligar a outro homem, fórmula por fórmula prefere a segunda, a mais radical, a mais definitiva.

DONA JOANA

(*Depois de um tempo*) Realmente, com essas duas condições, — motivo grave e proposito bem patente de não atraiçoar a lei divina...

LUIZ MONTEIRO

Não, não, avó! Isso não basta. Era preciso mais. Era preciso que a separação se tornasse remedio insuficiente. No caso de que se trata, em que nem sequer ha bens a partilhar, o divorcio era terapeutica excessiva, que libertaria, sem necessidade, o outro conjuge para proceder como entendesse. Ora esta responsabilidade recai sobre quem se divorcia, e sobre quem aconselha, patrocina ou de qualquer forma intervem no divorcio.

DONA JOANA

Tem razão e não pense mais nisso. Eu falarei com ela.

MARIA ANTONIA

(Que entrou pela esquerda e veio junto de Dona Joana, beijando-lhe a mão) Bons dias, avó! *(É um exemplar de figurino, tratado com os ultimos requintes de «boudoir». Exibe um ar de cansaço e enfado. A avó corresponde ao seu cumprimento com um ligeiro murmurio. Ela dirige-se ao marido e consente que ele lhe dê um beijo)*

ACTO I

LUIZ MONTEIRO

(*Ao beija-la, com intenção)* Bôas-tardes, Maria Antonia! (*A avó péga num livro e põe-se a lêr*).

MARIA ANTONIA

(*A Tomar, que entrou logo atraz dela e está a preparar a mesa*) Não, não!... Não almoço. (*Fala mais por gestos do que por palavras)*

TOMAZ

(*Desolado)* A menina não almoça?!...

MARIA ANTONIA

(*Depois dum gesto negativo e articulando devagar, com um movimento exagerado de labios)* Chá. Só chá.

TOMAZ

Temos lá o almocinho tão bem guardado! Um almocinho tão rico!...

MARIA ANTONIA

(*Que não cessou de gesticular que não, pronunciando de forma que a palavra mais se veja do que se ouça)* Chá.

TOMAZ

Mas isso não é alimento ! Anda a dar cabo de si ! .. (*Gesto de enfado de Maria Antonia*) Valha-me Deus !... (*Sai consumido*)

LUIZ MONTEIRO

(*Vindo da janela, onde se conservou toda a scena a olhar para o jardim, num tom amigavel*) O Tomaz antecipou-se, Maria Antonia ! E disse bem. Andas a dar cabo de ti. Era uma das coisas em que te queria falar.

MARIA ANTONIA

(*Desdenhosa*) Ah ! Era nisso ? !...

LUIZ MONTEIRO

Sim. Não achas natural que o assunto me preocupe ?

MARIA ANTONIA

Pela insistencia e pela urgencia, julguei que se tratasse de coisa mais importante.

LUIZ MONTEIRO

(*Tirando o relogio e sem quebrar a sua atitude amigavel*) Não se me afigura excessiva a urgencia dum

marido que quere vêr a sua mulher ás três da tarde. E o hábito em que vais caindo de não aparecer á hora do almoço, tem importancia superior á que julgas. Já não falo por mim... (*Indicando a avó*) mas pelos outros.

MARIA ANTONIA

(*Sacudida*) Com os outros não te preocupes. Tenho a certeza de que nem lhe chamam um hábito, nem tão pouco o julgariam um crime. O interesse que lhes mereço...—Tambem me refiro só a eles; tambem não falo de ti—... o interesse que lhes mereço fê-los decerto compreender que não tenho passado as noites bem. Não ando bem de saude.

LUIZ MONTEIRO

Tambem admiti a hipótese. (*Aproximando-se*) Mas era natural que te queixasses.

MARIA ANTONIA

Queixo-me agora.

LUIZ MONTEIRO

... E que te rodeasses duns cuidados que não tens.